SER E OUTROS TRABALHOS
Autor: Paulo Fontenelle de Araujo

ÍNDICE:

1 - Análise do poema "Ser" de "Carlos Drummond de Andrade".

2 – A morte na obra de "Alphonsus de Guimaraens" e "Antônio Nobre".

3 – Eles eram apenas "Fernando Pessoa".

4 – Questões sobre a obra de "Luís de Camões" e "Almeida Garret".

5- A poesia de "Vicente Huidobro"

6- Estudo comparativo entre os textos de "Don Juan Manuel" e "Gonzalo de Berceo"

7 – Análise do livro "El reino deste mundo" de "Alejo Carpentier".

8-Neoclasicimo y Romanticismo en Hispano América – Idea e Conceptos de "P.Henriquez Ureña".

9- textos "Cristóbal Cólon", "Hernán Cortez", "Bernal Dias de Castillo" y "Bartolomé de Las Casas" .

10 - Análise do conto de Machado de Assis: "Cantiga de Esponsais" em contraposição ao conto "O espelho"

11 – Análise música "Rebento" de "Gilberto Gil".

1 - Análise do poema "Ser" , levando em consideração o poema "Procura de poesia", ambos poemas de Carlos Drummond de Andrade

SER

O filho que não fiz
hoje seria homem.
Ele corre na brisa,
sem carne, sem nome.

Às vezes o encontro
num encontro de nuvem.
Apóia em meu ombro
seu ombro nenhum.

Interrogo meu filho,
objeto de ar:
em que gruta ou concha
quedas abstrato?

Lá onde eu jazia,
responde-me o hálito,
não me percebeste
contudo chamava-te

como ainda te chamo
(além, além do amor)
onde nada, tudo
aspira a criar-se.

O filho que não fiz
faz-se por si mesmo.

O poema “Procura de Poesia” de Carlos Drummond de Andrade é um texto dividido em duas partes: na primeira a evidenciar uma contradição, Drummond nega como assunto da poesia todos os temas que constituem o seu universo poético e na segunda parte defende a ideia de que o fazer poético é desvendado como uma experiência atemporal em um ambiente comparável a um rio difícil, denominado reino das palavras.

Drummond ainda afirma, neste reino encontram-se os poemas que esperam ser escritos, estão mudos, em estado de dicionário, aguardam a realização de seu futuro criador que os deve contemplar sem desespero, sem impaciência e até sem o uso de algumas das faculdades de captação da realidade. Note-se, o poeta entra surdamente no tal reino. Ausente a audição lhe é proibido o tato, pois não deve colher o poema no chão. Ausente o tato, a visão também é imprecisa, cada palavra tem mil faces secretas sob a face neutra.

O poema “Procura de Poesia” seria então, não um método para elaboração de versos, nem a constatação de que para a poesia é desnecessária a determinação de temas, mas a indicação de que é débil e solitária a experiência poética e nebuloso o lugar onde se ambienta o ato da criação poética, lugar este onde o poeta só garantirá, ao adentra-lo, que será testemunha de uma possibilidade, de um vir a ser.

O Poema “Ser” parece concentrar todas as sugestões do poema acima e mais, o título - além da concretude da palavra “Ser”, ente vivo animado – traz também uma contradição, pois o poema constrói-se exatamente sobre uma condição de não existência. O título supõe a negação do poema, característica que se afirma e encaminha o leitor para o sentido oculto do texto e isso se assemelha às primeiras estrofes de “Procura de

Poesia" que negam a obra poética de Drummond afirmada mais tarde pelo próprio ato da procura do ato criador.

O poema "Ser" publicado no livro "Claro Enigma" é uma homenagem póstuma de Carlos Drummond, que era agnóstico – alguns o julgavam ateu - ao filho que nasceu morto, embora a poesia, como dita nos versos de "Procura de poesia" prescinda de incidentes pessoais e da revelação da morte. Pelo contrário, ela existe como possibilidade, algo que pode ou não se realizar e tal poema realiza-se plenamente e em dois níveis: no nível das palavras que tomaram forma e também na manifestação do objeto de ar que constituiu esse filho - que também é palavra - encontrado pelo poeta em um reino diferenciado, semelhante ao reino das palavras do poema anterior, aqui com outro nome: o além, além do amor.

Em todas as estrofes observa-se a manifestação desse filho, com a exceção dos dois primeiros versos, em que o poeta esgota as informações objetivas daquele ser: houve um filho que não foi feito.Seria homem, no entanto, mesmo este "seria" e este "homem" já constituem uma outra natureza que se manifesta através dos verbos relacionados durante todo o poema. No terceiro e quarto verso, por exemplo, o filho corre na brisa – o filho é o ato de correr e é brisa, não tem carne, não tem nem nome.É objeto de ar.

Nas estrofes seguintes o filho prossegue em sua constituição de verbo e se um verbo exprime processo, ação, fenômeno, mudança de estado, o filho é e seria a ação do verbo, talvez fenômeno e de tal forma incisivo na existência do poeta, que parece se inverter a relação pai e filho, relação de proteção do mais velho para mais novo, o eterno educar de uma geração a outra. No poema é o filho que apóia (abraça) o pai com o seu ombro nenhum; o filho que responde através do hálito; o filho que chama o pai de um lugar além, além do amor, (um advérbio de lugar sugerindo a materialidade do amor, substantivo abstrato por excelência) que permanece suspenso, não correspondendo a qualquer espécie de paraíso, todavia algo indefinível, a totalidade do nada.

A relação chave do poema, contudo, o sentido profundo do texto, não é o encontro do pai com o homem, o filho que não vingou, mas sim a manifestação desse filho que, na sua fenomenologia, torna-se de súbito, todas as coisas que aspiram a criar-se ou que, perdidas, devem ser um marulho em nós de um mar profundo (verso de outro poema de Drummond) exprimindo a eterna aspiração humana de permanecer como essência.

O poema fala de permanência e fala também de todas as "coisas findas, muito mais que lindas' (outro verso de Drummond) que também é um dos temas recorrentes da obra de Carlos Drummond de Andrade. O que se acabou é o que permanece na memória: estranho paradoxo.

O poema termina declarando a força da essência pelo qual o filho se constituiu – ele se faz por si mesmo - sempre reafirmado outro caminho Drummoniano que vai da negação à reinvenção: a positividade é extraída de uma atitude de oposição sistemática, circunstância também observada no poema "Procura da poesia" .

A obra de Carlos Drummond se mostra coesa no belo e profundo poema "Ser" e como segue as sugestões do primeiro poema aqui analisado, ouso fundir tais sutilezas para afirmar que o pai do poema "Ser" penetrou surdamente no reino do filho; o filho jazia sem desespero e era calma e fresca sua carne nenhuma. O filho se realizou e se consumou e correu na brisa. Era palavra e hálito. Depreendeu-se do limbo, da concha abstrata? O pai não sabe. Aceitou o filho que, também o chamava e o chama ainda além, além do amor, rio difícil – bem sabe o poeta- não obstante, algo permanece entre os dois, pai e filho, que se inventa continuamente.

2 - A MORTE NA OBRA DE ALPHONSUS DE GUIMARAENS e ANTÔNIO NOBRE

Acredita-se que a construção poética, percebida através de uma receita coerente, não deve destacar elementos biográficos do autor. Esta afirmação, já tendo sido mote do grande poema a "Procura de Poesia" de Carlos Drummond de Andrade, impõe, não uma regra na elaboração de versos, nem a constatação de que para a poesia é desnecessária a determinação de temas, mas a indicação de que a composição de uma obra poética deva ocorrer enfaticamente na conexão entre o plano do conteúdo e o plano da expressão de cada poema. A composição poética seria - na ênfase a metáfora farmacológica - um trabalho de combinação "química" realizada entre os planos acima citados, deixando a história pessoal de cada um na condição de um dos elementos da fórmula.

Dito isso, e por conseqüência, cada fato da vida de um poeta deveria ter uma importância secundária na análise de sua obra, contudo, observa-se que aquilo que era detalhe, pode ter penetrado no corpo do autor, a ponto de tornar-se algo transbordante, de ser perceptível que a compreensão do mundo pelo poeta analisado, passe por aquela experiência existencial e, ainda usando o jargão farmacológico, ser a substância ativa da obra do poeta.

A experiência com a morte para os poetas Antônio Nobre e Alphonsus de Guimaraens, poetas simbolistas, ambos de influência francesa (Verlaine, Mallarmé – este último traduzido por Alphonsus de Guimaraens), está dentro do dado biográfico transbordante e também problemático. Antônio Nobre que

foi tuberculoso desde criança, deparou-se em determinado momento com a possibilidade de morrer cedo, o que o tornou um homem sujeito a crises de melancolia e angústia. De fato, morreu jovem com trinta e três anos, tendo publicado uma única obra, de nome "Só" (1892), que ele mesmo afirmava ser "o livro mais triste que há em Portugal". Alphonsus de Guimaraens, após formar-se em Direito, apaixonou-se por sua prima Constança, que faleceu logo depois. A vivência da morte da mulher amada, abalou moral e fisicamente o poeta, tendo a sua poesia marcas profundas desta perda.

Assim o estudo do tema da morte, feito em termos comparativos através de poemas dos dois autores, pode facilitar um entendimento mais adequado das suas obras. Pode resultar, inclusive, na identificação de um desdobramento para o tema, ou seja, no que o tema morte transformou-se; se a mutação foi válida em termos poéticos ou se, para ambos autores, a transformação e depuração poética do tema logrou solucionar o problema para as suas vidas.

Para facilitar o estudo, será analisada primeiramente a obra de Antônio Nobre através dos seus poemas "Antônio" e "A Lisboa das naus, cheia de glória" juntados ao final. Após, analisar-se-á a obra de Alphonsus de Guimaraens, através dos poemas "Ossa Mea", "Ismália", "Pulchra Ut Luna", "Cisnes Brancos" , "A catedral" e Hão de Chorar por Ela os Cinamomos... . Ao final será procedida a comparação entre ambos autores, com a conclusão que o estudo comparativo permitir.

O poema "Antônio" parece indicar a preocupação do poeta Antônio Nobre consigo, tanto que a obra possui uma seqüência de versos a sintetizar a história da vida do autor. Contudo, o que os versos transmitem não são apenas a sucessão de fatos (o nascimento, a infância, as novenas em tarde de maio, a entrada na escola, o crescimento), mas a consciência - destacada do espírito do poema - de que o fim prematuro sempre foi uma possibilidade e tão acentuado, que o poeta ali, na elaboração das estrofes, na exalação do eu - lírico já se sente praticamente morto. Observe-se os

versos “E Antônio crescendo, sozinho/ Feliz que vivia!/ (E a Dor, que morava com ele no peito,/ Com ele crescia...” ou “ E os anos correram, e os anos cresceram,/ Com eles cresci: / Os sonhos que tinha, meus sonhos... morreram,/ Só eu não morri,” ou “A Morte, agora, é a minha Ama/ Que bem que sabe acalentar”.

A consciência da morte prematura pelo autor seria então o refrão do poema, que se repete insistentemente para que o leitor pegue o jeito da “desgraça”, embora o ato de compreensão não esgote o tema, pois o dado mortuário de tão triste ou de tão vazio, vai assumindo muitos feições além da fatalidade pessoal que lhe é observada por Antônio Nobre. A morte apresenta-se como a debilidade física do poeta, como a decadência da família do autor: “ Fiquei pobrezinho, fiquei sem quimeras./ Tal qual Pedro-Sem,/ Que teve fragatas, que teve galeras,/ Que teve e não tem...”. Tais mudanças de fachada parecem, na seqüência e contraditoriamente, dar impulso a uma revitalização, ainda que momentânea, do espírito do poeta e isso na sintonia que o mesmo faz com o povo português, na compreensão da fraqueza desse povo, na singeleza dos empregados que conviveram com o autor em sua infância: a velha Carlota que contava histórias; as velhas criadas na roca fiando. Até mesmo o passado de sua família surge como essência revitalizadora e o poeta faz questão de introduzir um elemento de coesão universal, e por que não dizer de permanência, quando afirma que foi neto de navegadores (Heróis, Lôbos-d água, Senhores / Da índia d Aquém e d Além-mar!)

Então o tema da morte pode ser identificada de outra forma pelo leitor mais disponível à viagem que o texto sugere, algo além da idéia do fim prematuro, embora também seja o fim. O tema descarrega uma pulsão do autor para revelar-se através do mundo que ele conheceu e o Simbolismo ocorreria no fato dele não retratar objetivamente esta realidade, (muito embora seja perceptível uma certa influência naturalista com um nacionalismo do culto à terra e das

virtudes do passado), mas representa-la através de uma idéia de sonho, de ilusão, de utopia.

Em outras palavras, o Simbolismo de Antônio Nobre é identificado, no poema em questão, pelo plano de conteúdo da obra, pelos elementos relacionados com o espiritual, o místico e o subconsciente: aspectos peculiares do indicado movimento literário e ali captados através dos diversos significados de uma morte transbordante que passam da possibilidade de uma tragédia instantânea, fulminado pela tuberculose, à certeza de que a fragilidade do fim, da vida que vai se perder, entram em sintonia com marcas permanentes de um passado coletivo, marcas do seu próprio povo, o povo português.

Dito isto, não é difícil perceber que a alma portuguesa, manifestada nos poemas, contêm um elemento definidor do já perdido, a idéia única de saudade que segundo Dalila L.Pereira da Costa e Pinharanda Gomes no livro “Introdução à Saudade” é o que exprime dialeticamente o ritmo vivente do espírito.

A possibilidade de morrer prematuramente para Antonio Nobre significava um movimento em direção a uma essência comunitária e permanente: a saudade. A possibilidade da morte determinava um movimento vital e a obra “Só” não era o livro mais triste de Portugal.

Quanto ao processo formal de composição do poema percebe-se que o poeta se distancia do Simbolismo. Ora, o que caracteriza o movimento em termos formais são as palavras escolhidas pela sua sonoridade, ritmo colorido, fazendo-se arranjos artificiais originais como reunir, numa só unidade, elementos designativos de sensações relativas a diferentes órgãos dos sentidos (Sinestesia). Tais elementos de construção não aparecem no texto, muito embora haja um ritmo sinalizado por rimas em todos os versos. Rimas que não logram obter o efeito curioso de construção, objetivo da nova poética, mas permanecem ainda dentro da mesma sistemática visualizada por Eugênio de Castro em seu prefácio de Oaristos: “uma